

**ESTRATÉGIAS, DISPUTAS E DINÂMICAS TERRITORIAIS
NO QUILOMBO DA NAÇÃO XAMBÁ EM OLINDA**

**STRATEGIES, STRUGGLES AND TERRITORY DYNAMICS
IN THE QUILOMBO OF NATION XAMBÁ IN OLINDA**

Cristina Amélia Carvalho¹
Danielle de Araújo Bispo²
Raquel de Oliveira Santos Lira³

RESUMO

O Xambá está entre os cultos afro-pernambucanos e nele destaca-se o Terreiro Santa Bárbara, em Olinda, que em 2007 recebeu o título de Quilombo Urbano. Desde então, disputa o simbólico espaço de uma antiga fábrica de gelo para ali instalar o Centro de Cultura da Comunidade Xambá em oposição ao projeto de um terminal rodoviário da Prefeitura. Desenha-se um cenário de disputa em que interesses antagônicos de vários agentes se enfrentam. A dinâmica dos atores, as estratégias utilizadas e as relações estabelecidas compõem o cenário complexo da disputa. Este trabalho busca compreender a configuração das estratégias dos agentes sociais em confronto, suas alianças, apoios e resistências. A transformação de um espaço amorfo em território guia os atores e provoca reações em cadeia. A teoria dos campos sociais de Bourdieu (1996) ajuda a compreender a dinâmica que se estabelece na construção das políticas públicas e a ação dos agentes sociais que participam dessa construção. A política figura como o plano da disputa no qual se configura o campo de luta de todos os envolvidos. Investiga-se a “produção do organizar” de um processo e descreve-se a dinâmica territorial, as estratégias e alianças dos grupos no enfrentamento com os poderes instituídos.

Palavras-chave: Estratégias. Território. Cultura. Quilombo. Campo social.

Artigo recebido em 01/06/2011. Aprovado em 17/08/2011.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Ciências Econômicas y Empresariales pela Universidad de Córdoba. cris_carvalho@uol.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco. daniellefederal@gmail.com.

³ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco. [.raquellirax@gmail.com](mailto:raquellirax@gmail.com).

ABSTRACT

Xambá is among the cults of African origin in Pernambuco, and Terreiro Santa Bárbara in Olinda is highly relevant. In 2007 he was granted the title of Urban Quilombo. Since then, it has been claiming the symbolic space of an old ice factory in order to establish a Center for Culture in its premises, thus opposing the Municipality plan to build a bus station. A conflict scenario is formed in which opposing interests confront each other. The dynamics of actors, its own interests, the strategies used and relations established comprise this complex scenario. This paper try to understand the configurations of strategy of these conflicting social agents, their alliances, support and resistance. As an amorphous space is turned into a territory, it guides actors and causes chain reactions. Bourdieu's (1996). theory of social fields explains the dynamics established in the construction of public policies and the action of social agents participating in this construction. Politics emerge as the dispute dimension where the struggle field is established for all agents involved. The text investigates the "production of organizing" in an ongoing process and describes the territorial dynamics, strategies and alliances of these social groups as they confront the authorities in power.

Key-words: Strategies. Territory. Culture. Social field.

1 ESTRATÉGIAS, DISPUTAS E DINÂMICAS TERRITORIAIS NO QUILOMBO DA NAÇÃO XAMBÁ EM OLINDA.

As origens da Nação Xambá perdem-se no tempo, no desinteresse da historiografia tradicional em investigar a história dos que não comandaram, dos que não venceram, dos que não têm os nomes em placas de rua e praças. Constrói-se por sua vez, nos esforços esparsos para trazer à luz a memória dos que, ainda que vencidos na história são heróis na sobrevivência e cravaram, na construção de uma nação, sua marca. Constrói-se também na resistência da oralidade, da transmissão teimosa de geração para geração, das origens, tradições, valores, símbolos, rituais e heróis que a memória de cada um preserva, somada à criatividade que embeleza a história.

As múltiplas e assistemáticas narrativas promovem a mistura de religião, cultura e etnia. Alves (2007) refere-se a esta questão, ligando-a à construção da história de Pernambuco a partir da memória oral dos que se sentem herdeiros das lembranças dos antepassados:

De acordo com o historiador [Hildo Leal] quando se fala em nação de candomblé sempre se refere à origem étnica ou cultural. Por exemplo, em se tratando de nagô é porque é uma tradição ou etnia do povo nagô Ioruba. [...]. É a partir dessa explicação que ele chega à conclusão que a Nação Xambá é uma tradição religiosa, e não uma etnia, pois em Pernambuco ninguém conseguiu ainda fazer a ligação com o povo xambá ou Tchambá na África (ALVES, 2007, p. 42).

Para Mota (1991), o Xambá está entre os cultos afro-pernambucanos de que se tem registro no Estado de Pernambuco e, junto com outras tradições religiosas como Nagô, Jêje, Ketu e congo-angolenses (sic) é considerado pertencente à vertente ortodoxa. Em Pernambuco, a primeira referencia reconhecida da Xambá vem do estado de Alagoas onde o Babalorixá Artur Rosendo Pereira, originário de Maceió, se erigiu como seu principal disseminador. Fugindo de perseguição policial aos terreiros, Artur Rosendo vai para Recife no início da década de 20 e em 1923 abre seu terreiro.

[...] saímos de Maceió apenas com uma certeza: Arthur Rosendo não foi o introdutor do culto no Brasil, como havia sido passado para o povo Xambá do Portão de Gelo. Acreditamos que ele trouxe o culto para Pernambuco,

depois de ter fugido do quebra de Maceió (período de repressão dos terreiros), e iniciou várias pessoas na religião. Temos certeza que ainda há muito o que se descobrir sobre essa nação, como afirmou o antropólogo Raul Lody, em conversa com Guitinho: ‘A nação Xambá é um enigma dentro do universo dos cultos afro-brasileiro’. (ALVES, 2007, p. 13)

A essa ‘ortodoxia’ se contrapõem, segundo Mota (1991) “a umbanda com base africana e influência kardecista, católica e indígena (as principais) ludista além das influências regionais: a do vaqueiro, a de Padre Cícero, a de Zé pretinho e Malunguinho, espíritos de Negro da Costa e de caboclo” (MOTA, 1991, p. 183).

Guitinho, jovem integrante da Nação Xambá, compositor, vocalista e percussionista do grupo musical Bongar que divulga o Côco da Xambá, e um dos líderes e articuladores do processo de disputa de que trata este artigo, afirma a este respeito:

A gente não pode dizer que é uma etnia porque a gente não conseguiu fazer a linha familiar com ninguém na África. Por exemplo, o centro de Pai Adão, consegue identificar pessoas na África. A gente tem a herança religiosa. Então se trata de uma tradição religiosa que a gente cultua. (GUITINHO. Entrevista, 17/1/2009).

Esta brevíssima introdução não se arvora a competência de discutir as origens da Nação Xambá, nem sua identificação com um ou outro ramo das religiões de origem africana, mas apenas mapear o cenário em que se situa esta pesquisa. O grupo remanescente desta tradição, segundo depoimentos, agrupa-se em torno do Terreiro Santa Bárbara - Ilê Axé Oyá Meguê, da Nação Xambá, situado desde 1951 no bairro de São Benedito, em Olinda, na localidade do Portão do Gelo. Assim, ao grupo cabe preservar a tradição do Xambá e, por isso, lá foi instalado o Museu Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu) conhecido e divulgado como Memorial do Xambá.

No espaço urbano em que o terreiro resistiu tanto tempo funcionou durante alguns anos uma fábrica de gelo que encerrou suas atividades, provavelmente por falência em meados da década de 40, ainda que os relatos sejam contraditórios e não haja registros fidedignos. A CELPE, companhia de energia de Pernambuco, tornou-se proprietária das instalações, mas as deixou abandonadas. Foi nesse espaço que o Terreiro Santa Bárbara se instalou e, por isso, passou a ser conhecido como Terreiro do Portão de Gelo. Era sua identidade.

Em dezembro de 2007, o Terreiro recebeu da Fundação Cultural Palmares o título de Quilombo Urbano, em reconhecimento pelo “trabalho de lutas e resistência desse povo e persistência em manter vivos os ritos religiosos da Xambá, preservando a mesma cultura, danças, vestimentas, gastronomia, vocabulário, música, entre outras expressões de arte” (ALVES, 2007, p. 73).

Ao reconhecimento da Fundação Cultural Palmares seguiu-se o da Prefeitura de Olinda que, em 27 de dezembro daquele mesmo ano decretou a demarcação do Quilombo Urbano do Portão do Gelo. Focado na valorização da simbologia de um quilombo agora reconhecido, o Terreiro propôs a construção de um Centro Cultural no espaço.

Mas a Prefeitura e o Governo do Estado de Pernambuco tinham também outros interesses e projetos para uso do espaço que havia acabado de ser decretado quilombo urbano: a construção de um terminal rodoviário urbano.

Eis um cenário de disputa configurado sob nossos olhos de pesquisadores: duas formas de ver o mundo, interesses antagônicos e objetivos que se enfrentam pela ocupação e uso de um mesmo espaço na cidade. O que motivou este trabalho foi a possibilidade de compreender como se configuraram as estratégias de organização de grupos historicamente dominados em confronto com atores dominantes, suas alianças, apoios e resistências.

Neste cenário de disputa, cabia identificar, para além do Terreiro/Quilombo e dos governos estadual e municipal, os outros atores envolvidos, suas alianças e associações. Perceber o foco do conflito, mas principalmente, como se enfrentam atores tão estruturalmente diferentes como grupos de remanescentes quilombolas e moradores sem teto e, duas instituições poderosas, tanto em termos de estrutura formal, suporte técnico, material e organizativo.

A problemática que orientou este trabalho iluminou as relações objetivas e historicamente marcadas por certas formas de poder, num espaço onde os atores sociais disputam interesses para definir posições. O texto procura narrar as estratégias e articulações de luta da Nação Xambá para criar o Centro de Cultura e Desenvolvimento Social da Comunidade Xambá. Para isso consideramos a fábrica de gelo abandonada como um “local de possibilidades” no qual, cada ator social envolvido na disputa usa seus recursos para transformar o espaço em disputa, em território socialmente construído a partir de critérios e regras que cada um busca definir e firmar.

O espaço é anterior ao território, uma matéria-prima que existe antes de sofrer a ação dos atores sociais. O território, o resultado, em processo contínuo, da interação de atores que disputam posições num espaço de possibilidades.

Produzir um território a partir desse espaço significa participar da configuração de um sistema complexo de relações, que envolvem jogos de poder, disputas de posições, capacidade de definir regras que impactam para além da Nação Xambá e da Prefeitura de Olinda, na comunidade, nos usuários de transporte coletivo, e na população que habita as cidades de Recife e Olinda.

Foram analisadas as estratégias, alianças e disputas dos atores envolvidos no processo, a partir de coleta e análise documental, da observação e participação dos pesquisadores ao longo dos acontecimentos, acompanhada de entrevistas aos participantes dos eventos narrados.

Foi um processo de desvendamento de como um fato social, que ocorre num espaço delimitado e periférico de uma cidade periférica, é capaz de reproduzir numa pequena escala para a humanidade, a construção social que conduz a história do Homem: “a história é considerada uma construção humana, que se realiza nas disputas de poder pela prevalência de uma visão de mundo particular” (CARVALHO; VIEIRA, 2007, p. 2).

2 ESPAÇOS SOCIAIS E DISPUTAS: UMA CONSTRUÇÃO PERMANENTE

A política figura como o plano da disputa no qual se configura o campo de luta de todos os envolvidos e permite compreender a dinâmica, que se estabelece na construção das políticas públicas nos espaços urbanos e a ação dos agentes sociais que participam dessa construção.

As sociedades e as comunidades são espaços sociais, ou seja, estruturas de diferenças nas quais há que identificar o princípio gerador que as funda e estrutura a distribuição e a força dos tipos de capital que as compõem. Ao perceber desta maneira um determinado espaço social, podemos construir empiricamente um campo e a dinâmica de seus agentes na conservação e transformação da estrutura de distribuição das suas propriedades ativas (BOURDIEU, 1996).

Desta forma, no espaço social co-existem diversos campos ou mundos sociais relativamente autônomos e estruturados por regras e princípios que o espaço socialmente estruturado onde os atores se enfrentam na disputa de posições. Um campo, para Wacquant (2005) é portanto essencialmente um espaço estruturado de posições no qual as determinações específicas se impõem sobre os atores em jogo. Logo, para identificar um campo social específico há que observar o que nele está em jogo, o que os agentes disputam de diferentes formas, usando diferentes recursos ou capitais.

A estrutura de um campo é assim formatada pelas regras de funcionamento do jogo que é jogado pelos atores que intervêm na disputa, pelo que se disputa, pelos capitais e os valores que estes adquirem na interação entre os agentes na luta que travam para conquistar suas posições no campo. Estes elementos estão em permanente mudança, conduzidos pelas estratégias adotadas em cada momento pelos agentes sociais envolvidos na disputa de posições para conquistarem o que disputam. A posição conquistada por um agente em um momento da disputa será sempre uma posição em disputa para outro; o capital valorizado em cada momento, e que fortaleceu um dos agentes na disputa, será sempre um capital a ser substituído em sua predominância simbólica por outro(s) agente(s) que detêm outro tipo de capital e que obteriam predominância e posições de força se o transformarem em capital simbólico. Assim, um campo social, que só existe porque algo está em disputa por agentes que agem, é um espaço em constante construção. A conquista de uma posição se transforma imediatamente em alvo de disputa; um capital que adquiriu valor na disputa que se trava, é o foco da disputa que se segue.

Deste modo, para definir e compreender um campo social é preciso identificar as posições dos agentes, suas regras de funcionamento e que tipos de capital estão valorizados nele: "[...] assim como num jogo de xadrez, as posições e os recursos de poder de cada um, não têm valor por si próprios, mas em função das posições relativas de todos os atores no campo" (CARVALHO, 2003, p.15). A dinâmica da construção do campo é, portanto, permanente e por isso torna-se o caráter primordial da análise.

As posições dos agentes num campo podem ser determinadas conforme os pesos relativos dos diferentes tipos de capital e a quantidade global de seu capital (BOURDIEU, 1996). Thiry-Cherques (2006, p. 38) descreve-os assim:

[...] Além do *econômico*, que compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações etc. (bens, patrimônios, trabalho), Bourdieu considera: o capital *cultural*, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações etc., correspondente ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo, a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos; o capital *social*, correspondente ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos; o capital *simbólico*, correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social) (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 38-40, grifos nossos).

O capital simbólico, extraído de uma composição específica dos demais capitais presentes no campo, permite que os agentes que o detêm determinem regras e decisões e que estas sejam obedecidas. Não obstante, Bourdieu (1996, p. 170) lembra que “[...] é preciso que um trabalho anterior, freqüentemente invisível e, em todo caso, esquecido, recalado, tenha produzido, naqueles submetidos ao ato de imposição, de injunção, as disposições necessárias para que eles tenham a sensação de ter de obedecer sem sequer se colocar a questão da obediência”.

Neste texto procuramos entender a construção de políticas públicas culturais como um campo de disputa, no qual a definição das políticas, a forma como são construídas e as ações que dali decorrem é o que está em disputa. Entendemos que a participação social é um elemento em jogo nesse campo e que sua definição e prática também são disputadas pelos agentes.

Bourdieu (1996) considera que o Estado é tanto instrumento de agentes como um campo de lutas (campo burocrático), ainda que diferente dos outros. Ele é resultado de um processo de concentração dos diferentes tipos de capital (força física, coerção, econômico, cultural, e capital simbólico) e detentor de uma espécie de metacapital que permite a manipulação da taxa de câmbio entre os capitais, bem como lhe dá poder sobre os outros campos.

a gênese do Estado é inseparável de um processo de unificação dos diferentes campos sociais, econômicos, cultural (ou escolar), políticos, etc., que acompanha a constituição progressiva do monopólio estatal da violência física e simbólica legítima. Dado que concentra um conjunto de recursos

materiais e simbólicos, o Estado tem a capacidade de regular o funcionamento dos diferentes campos [...] (BOURDIEU, 1996, p. 51).

Além disso “[...] o Estado [...] é o lugar por excelência da concentração e do exercício do poder simbólico” (BOURDIEU, 1996, p. 107). Esse poder exerce-se pela língua e relações de comunicação, por isso define o poder simbólico ou poder da linguagem como “[...] o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2005, p. 14).

3 ESPAÇO E TERRITÓRIO E CONTRADIÇÕES

A relação de poder que se estabelece entre os atores num determinado cenário social, é o ponto chave para Raffestin (1993), posto que é destas relações que emerge o exercício do poder.

O poder se apresenta nas relações entre os atores sociais, em um determinado território no qual os capitais disponíveis conduzem e direcionam a ação. A população, o território e os recursos que interagem num jogo de soma não-nula, onde o indivíduo ou a organização nem ganha nem perde tudo, são os trunfos do poder para Raffestin (1993). Por sua vez os atores, as suas políticas (suas intenções e finalidades), suas estratégias para chegar aos fins desejados, os mediatos da relação, os códigos utilizados e os componentes espaciais e temporais são, para o autor, os elementos constitutivos das relações.

A ação política dos atores na produção do território dirige-se às finalidades que desejam atingir, sejam elas simples ou complexas. As finalidades almejadas pelos atores em jogo podem ser explícitas ou não bem como podem ter um objetivo real distinto do aparente, sublinha Raffestin (1993).

Para realizar seus objetivos, os atores elaboraram estratégias que resultam de planejamentos direcionados às finalidades almejadas. A estratégia, afirma Raffestin (1993, p. 42), descreve a “combinação de uma série de elementos a serem convocados para chegar a um objetivo”. Esses elementos mediatos da relação, quarto elemento constitutivo das relações, e que representam os diferentes recursos dos atores.

Para se relacionarem, os atores utilizam códigos, de caráter econômico, político ou cultural, que constituem um conjunto de instrumentos que formam as mensagens que transmitem uma informação. A manipulação e a compreensão dos códigos permitirá a comunicação entre os atores. Estes combinam energia e informação dentro de determinado espaço social onde os códigos fazem sentido, mas também agem no espaço e no tempo. Na análise relacional, o tempo e o espaço estão juntos, conformam a estratégia do ator social e condicionam a combinação energia–informação. Os atores agem nos espaços sociais de acordo com as representações concebidas, seja no plano das expressões (superfícies, distância ou propriedades) ou do conteúdo (reorganização do plano das expressões). O autor segue raciocínio semelhante em relação ao tempo e define um tempo dado e outro inventado. Assim, a relação entre os atores sociais é percebida a partir dos espaços inventados e dos tempos relativos.

O território é tratado por Raffestin (1993) como o espaço constituído de relações formatadas por jogos de poder. Para ele, embora o poder encontre sua forma mais acabada no Estado, é multidimensional e se estabelece nas práticas e relações quotidianas da sociedade:

há um poder político desde o momento em que uma organização luta contra a entropia que a ameaça de desordem. Esta definição, inspirada em Balandier, nos faz descobrir que o poder político é congruente a toda forma de organização. Ora, a geografia política, no sentido estrito do termo, deveria levar em consideração as organizações que se desenvolvem num quadro espaço-temporal que contribuem para organizar ou... desorganizar (RAFFESTIN, 1993, p. 17).

A definição de território está ligada à de espaço que, para o autor, é algo anterior ao território, como uma matéria-prima que o homem pode trabalhar e dar uma finalidade. Quando esse espaço sofre, portanto, a ação humana torna-se território. Raffestin (1993, p. 144) considera o espaço

‘Local’ de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço.

Então, quando um ator manifesta o desejo de se apropriar de um espaço e transformá-lo, ele busca realizar um projeto, uma objetivação do espaço, ou seja, um processo social. Quando o ator social quer construir seu território em um espaço, ele possui um campo de possibilidades, assim também como vários problemas, visto que há diversos atores envolvidos na relação e com objetivos diferentes. Além disso, a imagem territorial proposta pelo ator é diferente quando concretizada na realidade. Sobre as imagens, afirma Raffestin (1993, p. 152):

As 'imagens' territoriais revelam as relações de produção e conseqüentemente as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à estrutura profunda. Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que 'produzem' o território.

Desta forma é rompida a ligação tradicional exclusiva entre território e seu substrato material, e agregada uma dimensão abstrata, composta de relações de disputa, desigualdades e contradições que lhe dão uma forma dinâmica heterogênea.

3 OS ATORES, SUAS POSIÇÕES E MOVIMENTOS NO JOGO

A Nação Xambá e a Prefeitura Municipal de Olinda têm a intenção de “produzir” diferentes territórios num mesmo espaço urbano onde, em tempos, funcionou uma fábrica de gelo. Esses atores se envolveram por isso em uma disputa que lhes exige articulações sucessivas. Sabem ambos que sua conquista, de valor político/simbólico para um e político/logístico para o outro, tem uma importância vital para a concretização dos objetivos que pretendem. Para isso procuram formar alianças, articular apoios com os outros atores que participam do jogo que irá conduzir a disputa e definirá a configuração do espaço social, ou, o do campo de forças em que as necessidades se impõem sobre os atores envolvidos.

Assim, a relação não é bilateral; envolve outros atores cujos movimentos, no tabuleiro deste jogo de construção de estratégias, são objeto desta investigação e descritos na seqüência, porque influenciam na disputa e conformam o espaço em disputa.

O Terreiro da Nação Xambá e a comunidade que se reúne em torno dele constituem um ator importante no jogo. Seu movimento mais emblemático na disputa pela antiga fábrica de gelo e a construção de um centro cultural foi sua luta pelo reconhecimento do Terreiro

como um quilombo urbano. A Nação Xambá luta para fincar sua identidade no espaço que o terreiro ocupou durante vários anos e que considera seu por tradição, por meio da construção do Centro de Cultura e Desenvolvimento Social da Comunidade Xambá, como uma estratégia capaz de valorizar sua referência ancorada na cultura tradicional e na comunidade pobre da periferia de Olinda.

Os usuários dos transportes coletivos constituem igualmente um ator significativo. Ainda que pouco organizado, tem entretanto peso enquanto formador de opinião e de pressão que, veiculada pela imprensa, amplifica a pressão política no governo do estado e nas prefeituras de Recife e Olinda que têm um sistema de transporte urbano deficitário e ineficaz. A grande maioria desses usuários, ouvida em pesquisas diversas da imprensa à época, desconhece que aquela área é um quilombo urbano e muitos reagem a um nome de raiz africana. Os integrantes do Terreiro são sujeitos de baixo poder aquisitivo e, portanto, naturais usuários do sistema de transporte urbano e potenciais beneficiados por um novo terminal de ônibus. Assim, há que frisar que, seus interesses socioeconômicos não estão opostos ao novo terminal urbano mas, o valor simbólico de seu reconhecimento enquanto herdeiros de antigos resistentes à escravidão os põe, neste momento, em campos contraditórios.

O Governo do Estado e a Prefeitura de Olinda são parceiros nesta disputa. Ambos mandatários fazem parte da base aliada do governo federal com o qual colaboram estreitamente na estadualização das políticas culturais, como é o caso do Programa Cultura Viva no qual Pernambuco é referência nacional. Ambas administrações são pressionadas pelo calendário eleitoral de 2010 e as crescentes demandas da opinião pública por melhor sistema de transporte urbano. Esta parceria é aprofundada quando a Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos (EMTU), uma empresa pública de direito privado é extinta e em seu lugar criada uma empresa pública multifederativa, o Grande Recife Consórcio de Transporte (CTM), um consórcio público entre a União e o governo estadual, ao qual aderiram os municípios de Recife e Olinda, para gerenciar de forma compartilhada o transporte público de passageiros.

A Organização e Luta dos Movimentos Populares de Pernambuco (OLPM) é um movimento de luta pela moradia. Em março de 2009 ocupou o espaço da fábrica, como forma de pressionar a Prefeitura de Olinda e tornar público o protesto pela falta de diálogo e de propostas para a construção de 270 habitações para integrantes sem teto que militam em suas

fileiras. Seus líderes, em depoimentos, afirmaram desconhecer que a antiga fábrica já era objeto de disputa pela Nação Xambá.

A Companhia Energética de Pernambuco-Celpeⁱ é formalmente a proprietária do espaço da antiga fábrica de gelo e chegou a usar por algum tempo o local. De início a Celpe não se importou com a ocupação e uso do espaço pela Nação Xambá, mas apenas com o trâmite legal de registro do fato. Entretanto, quando a OLPM ocupou a fábrica, a empresa impetrou e obteve da justiça um Mandato Liminar de Reintegração de Posse. Portanto, embora tenha abandonado o espaço durante muito tempo, a Celpe ocupa posição relevante já que é detentora legal do “recurso” em disputa.

Antenor Vieira, chefe do Departamento de Arquitetura do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE se envolveu desde muito cedo na disputa ao pôr a serviço da Nação Xambá sua *expertise*. Projetou e desenhou a primeira planta do Centro Cultural da Xambá.

Por sua vez, o ex-ministro da cultura, Gilberto Gil (2003-2008), em visita ao Terreiro da Nação Xambá em 2008, se declara, diante da Secretária Estadual de Cultura Márcia Souto, a favor da instalação do Centro de Cultura, enquanto a Fundação de Artes de Pernambuco-FUNДАРPE manifesta seu apoio no financiamento para a construção do Centro Cultural.

Todos estes atores estão no palco onde ocorrem os movimentos que agora tentamos mostrar em suas diversas fases. O que está em jogo são, portanto, necessidades vitais para cada um desses três atores nos cenários em que se inserem. Esses objetivos divergentes movimentam a dinâmica do jogo. Para melhor explicá-la, procuramos dividi-la em 3 fases. Essas fases não se sucedem de forma linear, mas ajudam-nos a compreender o cenário.

4 PRIMEIRA FASE: RECONHECIMENTO DO QUILOMBO E ELEIÇÕES

De posse do reconhecimento oficial como quilombo urbano, os integrantes da Nação Xambá avaliaram que a conquista do espaço da antiga fábrica de gelo para instalação do Centro Cultural fosse um objetivo de fácil alcance. O suporte oficial de instancias do governo federal e manifestações de apoio de um ministro foi considerado definitivo para o apoio de outras esferas da Administração Pública.

Quando veio o reconhecimento do quilombo, da área, isso aí tá totalmente dentro da área. A gente disse: Não! Agora as coisas ficaram mais fáceis. Aí veio o conhecimento primeiro de cima, da Federal, depois no mesmo ano a Prefeitura de Olinda vai e reconhece. Aí a gente começa a pensar já no Centro. [...] E aí nesse tempo a gente começa a ouvir um burburinho de que a Prefeitura de Olinda ia fazer um terminal rodoviário lá na área (GUITINHO. Entrevista 7/8/ 2008).



Terreiro da Nação Xambá.



Antiga fábrica de gelo.

Esse reconhecimento formal seria uma boa estratégia para que o espaço fosse usado para construção do Centro Cultural da Xambá, se não tivesse determinado uma imediata contra-ação do Governo do Estado de Pernambuco e da Prefeitura de Olinda, unidos na pretensão de ali construir um terminal rodoviário. Em ano pré eleitoral a necessidade de realizar serviços urbanos são prementes e, nestas cidades, os transportes são um dos mais graves problemas apontados pela população. O calendário eleitoral foi, ao mesmo tempo, um elemento que deflagrou a disputa e provocou a inevitabilidade do diálogo para a construção de compromissoⁱⁱ.

O espaço em disputa apresenta características que o tornam valioso pois, situado em região populosa, interliga a região sul de Olinda e os municípios conurbados a norte de Recife que irão atrair grande quantidade de trabalhadores nos projetos industriais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Por outro lado pertence à companhia estadual de energia que, sem pretensão de uso, facilita sua cessão à EMTU e, ainda, está situado em uma região de moradia de baixa renda que tornaria menos oneroso os custos de eventuais desapropriações.

Ao perceber a inevitabilidade da partilha do espaço que já considerava seu por histórico direito reconhecido, e que achava ao alcance da mão depois de laborioso processo de luta por seu reconhecimento como quilombo urbano, com um terminal rodoviário projetado

pelos governos estadual e municipal, a Nação Xambá re-inicia a mobilização social em busca de apoio para definir uma nova posição. Usa estratégias de divulgação em massa, por meio da internet e de todo tipo de espaço público, para dar a conhecer a história do caso e o problema surgido. Articula e obtém uma Carta de Apoio subscrita por varias outras organizações ligadas ao mundo da culturaⁱⁱⁱ em Pernambuco:

Foi quando a gente começou a elaborar textos e jogar na internet dizendo que estava havendo uma ameaça de construir um terminal no quilombo. A prefeitura de Olinda reconhece e agora quer construir um terminal e tal (GUITINHO. Entrevista 7/8/2008).

A primeira tarefa nossa de correr atrás de fazer um centro cultural ou qualquer coisa que ocupasse isso foi por medo de invasão mesmo. Porque é o tipo da coisa, pode dizer que é uma questão de preconceito? (TIO IVO. Entrevista 17/1/2009).

Em contrapartida, a estratégia da Prefeitura de Olinda foi a de iniciar uma sucessão de contatos com a comunidade para divulgar os benefícios da construção do Terminal, entre as quais incluía a urbanização do bairro, o calçamento das ruas vizinhas, para além da melhoria de opções de locomoção dos moradores da cidade. O «interesse público» do Terminal foi sobejamente usado como argumento de convencimento da comunidade em favor das propostas da Prefeitura e do Governo do Estado. Informações como a previsão de transporte de 70mil passageiros/dia em 1,3 viagens/dia com o suporte de 85 veículos, assim como a integração do sistema e a possibilidade de deslocamento até Itamaracá ou Cabo de Santo Agostinho, localidades com poder de atração tanto de lazer como de trabalho, com o custo de um só bilhete, foram decisivas para que a população defendesse a divisão do espaço da fábrica entre o Terreiro e o Terminal.

A Xambá reagiu à conquista da opinião da comunidade das redondezas mas também da cidade de Olinda empreendida pela Prefeitura e contra atacou com esclarecimentos de sua não oposição à construção do Terminal. Pelos canais disponíveis, reforçava a importância e valor do Centro Cultural naquele bairro periférico desprovido de aparatos públicos de cultura.

Para a elaboração do esboço do primeiro desenho do Centro Cultural, a Nação Xambá contou com o envolvimento do professor Antenor Vieira, chefe do Departamento de Arquitetura do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. O primeiro projeto apresentado

traduzia os argumentos arquitetônicos do Terreiro da Xambá e foi prontamente recusado pela Prefeitura e pelo Governo do Estado que apresentaram contraproposta.

5 SEGUNDA FASE: DIVISÃO DO ESPAÇO E DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO

Diante do impasse pelo antagonismo entre as propostas de ocupação do espaço, e uma ação forte de conquista de apoios, aos dois atores em confronto restou o diálogo. Nenhum dos dois tinha recursos de poder suficientes para impor sua opção. Assim negociam a divisão do espaço da fábrica para que servisse a ambos os propósitos.

E quando houve o interesse do Governo de fazer o terminal aí você sabe, manda quem pode, obedece quem tem juízo. Aí é todo mundo se afastar e deixar o governo fazer isso. [...]. Aí a gente ficou pra fazer o centro cultural...que é a moeda de troca por tudo isso aí. [...] A primeira prioridade nossa é que não invadissem isso aí (TIO IVO. Entrevista 17/1/ 2009).

O mapa abaixo, apresentado à comunidade Xambá por representantes da Prefeitura e do Governo do Estado no primeiro semestre de 2008, ilustra a área do Quilombo da Xambá e o espaço onde se pretendia construir o terminal.



Fonte: Prefeitura de Olinda e Governo do Estado (2008)

Durante a negociação, o Governo do Estado apresenta um novo esboço de como a antiga fábrica de gelo ficaria dividida entre as partes:



Fonte: Prefeitura de Olinda e Governo do Estado (2008)

Mas a negociação continuou, pois a Nação Xambá recusou a divisão proposta e fez movimentos para que outro projeto fosse apresentado em conjunto de modo a permitir preservar a rua de acesso ao Terreiro e protegê-lo da intensa movimentação de um terminal rodoviário. O Terreiro propõe sua localização no lado oposto à avenida de movimentação intensa, com acesso direto à rua que o mantém conectado espacialmente às moradias da comunidade.



Fonte: Prefeitura de Olinda e Governo do Estado (2008)

Entretanto, o Governo do Estado argumentou que, segundo estudos técnicos para viabilizar esta última proposta de disposição do Centro Cultural e divisão do espaço da fábrica, seria necessário desapropriar algumas casas da comunidade. O Terreiro foi assim posto diante de uma contradição: para preservar as tradições étnico-culturais da comunidade em que está enraizado e conquistar um espaço para seu exercício, tinha que aceitar o desgaste pela perda da moradia para alguns dos seus.

Este impasse provoca a necessidade de um novo projeto para a disposição do Terminal e do Centro e uma demanda da Nação Xambá: a adoção da denominação Terminal Integrado do Xambá. Em junho de 2008 o Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico e Social de Pernambuco-CEDES divulga:

O Governo Estadual autorizou, através da publicação do decreto nº 31.889 (03/06/2008), a desapropriação da área onde será construído o Terminal Integrado do Xambá, em Olinda. O projeto, cujo nome inicial seria Caenga, ganhou nova identidade como forma de homenagear a comunidade local, com que a Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos negociou e fechou uma importante parceria. [...]. (PERNAMBUCO, CEDES, 2008)

O nome, que se tornará popular com o passar do tempo de funcionamento do Terminal, marcará a visibilidade de um registro da tradição cultural.

Em dezembro de 2008, o professor Antenor Vieira da UFPE defende que o projeto de construção do Centro seja feito em conjunto com a comunidade, e aponta o isolamento dos técnicos responsáveis pelo projeto, que desconhecem as questões histórico-culturais envolvidas:

Eduardo vai fazer o projeto todo e só depois vai chamar a comunidade. É a prepotência. Eles não aprendem nunca. É isso que vai acontecer. Era pra eles terem uma atitude abordista (sic). Fazer junto da comunidade. Eles entram com o pré-conceito. O sistema de abordagem é muito mais lógico e econômico. Eles querem enfiar o projeto goela adentro na comunidade. (ANTENOR VIEIRA. Entrevista 16/12/2008).

A disputa em torno da ocupação, disposição e marca simbólica de um espaço na urbe desenrola-se mas nenhum dos atores envolvidos consegue uma posição de poder que lhe permita determinar uma decisão e encerrar a disputa. As forças estão repartidas e o jogo de alianças continua.

6 TERCEIRA FASE: OS ESTUDOS TÉCNICOS E A LUTA PELA MORADIA

O foco nessa terceira fase concentra-se na proposição de uma nova divisão do espaço. Enquanto o Terreiro da Xambá rearticula aliados para manter a pressão, as administrações públicas marcam reuniões dos envolvidos com o seu corpo técnico que são sucessivamente desmarcadas. Os atores principais na disputa buscam assumir novas posições de força

enquanto uma nova frente de disputa se abre: o financiamento das obras. A origem dos recursos para a construção do Centro oscilam, na compreensão dos líderes do Terreiro, entre a instituição pública que formula as políticas públicas culturais no Estado, a Fundação de Arte de Pernambuco-Fundarpe e, a Grande Recife Consórcio de Transporte-CMT responsável pela construção e gestão do Terminal. Nas reuniões ocorridas entre os dirigentes estaduais e municipais e os líderes do Terreiro, as possibilidades de concretização são verbalmente expressas sem estudo de viabilidade nem garantia formal:

Luciana [presidente da Fundarpe] falou comigo e eu estou achando melhor, porque assim, de certa forma não é da alçada da EMTU construir o Centro Cultural. Isso aí Dílson [presidente da CMT] já me disse.[...] Luciana falou que Dílson ligou pra lá dizendo que essa parte era com a Fundarpe. [...] porque realmente recurso é com a Fundarpe pra esse tipo de coisa e a relação com a Fundarpe, eu acho muito mais próxima e é muito mais viável. (GUITINHO. Entrevista 17/1/2009)

A ocupação da fábrica pela Organização e Luta dos Movimentos Populares de Pernambuco como forma de pressão sobre o Governo do Estado para a construção de moradias, provocou reação dos poderes constituídos, reação da proprietária formal do espaço, e urgência na construção de solução mas, foi igualmente um acelerador da degradação das instalações da fábrica.



Integrante do Movimento



Ocupação na Fábrica



Quarto de um ocupante



Barracos na fábrica

Segundo Beto e Edilene, dois líderes do OLMP em Recife, a escolha da fábrica de gelo foi estratégica por terem descoberto que havia planos públicos para o local mas, desconheciam o interesse histórico da Nação Xambá. Argumentam, numa compreensão de jogadas articuladas num tabuleiro de xadrez, que a ocupação contribui para os objetivos da Nação Xambá porque força a aceleração da iniciativa das administrações públicas se quiserem desalojar os ocupantes. “Vai andar o processo deles (da Nação Xambá), o nosso e o do Terminal” (BETO. Entrevista 18/4/09).

7 CONTINUIDADES E NOVOS FOCOS NA DISPUTA

A produção do espaço é um processo contínuo de construção de territorialidades que envolve inelutavelmente a relação entre a sociedade e a natureza no enfrentamento dos atores pela conquista de posições, a partir da definição das regras que permitem a realização do jogo.

Se 2010 foi o ano em que houve que aproveitar o calendário eleitoral para acelerar a possibilidade de acordos para a divisão do espaço da fábrica de gelo, garantir o financiamento para a construção do Centro, acelerar o registro dos compromissos, 2011 é um ano de aprendizagens para os integrantes do Terreiro de Xambá. Após a tomada de posse do governador eleito, ainda quer tenha sido reeleito Eduardo Campos que já exercia o mandato, novos ocupantes assumiram os escalões inferiores. Para as lideranças do Terreiro este tem sido o tempo de construir novamente as pontes de diálogo, reafirmar compromissos assumidos e resgatar afirmações e promessas feitas.

A um ano das eleições municipais, «agora a guerra é outra», afirma Guitinho, líder do grupo de Côco Bongar e sobrinho de mestre Ivo, liderança do Terreiro. Na vivência da prática

de uma disputa, descubrem que as posições no tabuleiro são outras e que há que entender o que mobiliza os atores de jogo neste momento para poder saber dar os passos certos.

Cerca de 13 casas da comunidade do entorno do Terreiro da Nação Xambá foram desapropriadas que participa, solidariamente com os antigos moradores, das negociações para elevação dos valores de indenização. As obras para a construção do Terminal estão em curso, o espaço desejado para o Centro foi conquistado, mas como se vê na foto abaixo que representa a última planta aprovada, não foi garantida a separação verde e barreira acústica entre o Centro e o Terminal.



Fonte: Blog Maxi Ônibus Olinda (2011)

Enquanto a Fundarpe restringe seu apoio ao Terreiro da Nação Xambá em sua ligação com o reconhecimento do Quilombo, pauta da agenda cultural na qual ela reconhece seu papel, mas se retira do financiamento do Centro Cultural da Xambá, a Secretaria das Cidades responsável pelos transportes urbanos não incluiu no orçamento do Terminal recursos para a construção do Centro Cultural. O que havia sido considerado compromisso conquistado mantém-se hoje como foco da disputa.

Entretanto, a experiência adquirida permite aos líderes do Terreiro antecipar os próximos alvos a disputar, e eles são, em suas avaliações, a concessão formal da propriedade do terreno e a garantia de uma administração do Centro, autônoma e independente do poder público. O novo calendário eleitoral que se avizinha leva-os a atualmente prepararem suas

próximas ações para disputarem posições quando um novo cenário político lhes der outra vez espaço para negociar.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **Nação Xambá: do terreiro aos palcos**. Pernambuco: Ed. do Autor, 2007.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/001/00101001.jsp?ttCD_CHAVE=2&btOPERACAO=>>. Acesso em: 01 jun. 2009.

CARVALHO, C. A. **Configuração do campo da cultura no contexto da incorporação da lógica mercantil e os novos atores organizacionais**. Projeto CNPq, 2003.

CARVALHO, C. A.; VIEIRA, M. M. F. **O poder nas organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

CONSÓRCIO DE TRANSPORTE GRANDE RECIFE. **Histórico**. Disponível em: <http://www.granderecife.pe.gov.br/granderecife_historico.asp>. Acesso em: 01 jun 2009.

GREIMAS, A. J. **Sémiotique et sciences sociales**. Paris: Seuil, 1976.

MOTA, M. **Bê-a-bá de Pernambuco ou apontamos para uma biografia do Estado**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1991.

NAÇÃO Xambá. Disponível em: <<http://www.xamba.com.br/his.htm>>. Acesso em: 24 set. 2008.

PERNAMBUCO. Secretaria de Articulação Social. Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico e Social de Pernambuco. CEDES. **Governo desapropria área para construção de mais um terminal de integração na RMR**. Disponível em:

<<http://200.238.107.167/web/cedes/exibirartigo?companyId=communis.com.br&articleId=9326>>. Acesso em: 24 nov. 2008.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REDE MOCAMBOS. **Comunidade Xambá reivindica centro cultural**. Disponível em: <<http://www.mocambos.net/news/comunidade-xamba-reivindica-centro-cultural>>. Acesso em: 29 ago. 2008.

SILVA, S. V. da. **Primeiro quilombo urbano do Brasil continua a resistência**. Disponível em: < <http://biuvicente.blogspot.com/2008/03/primeiro-quilombo-urbano-do-brasil.html>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.40, n.1, p.27-56, jan/fev. 2006.

WACQUANT, Loic. Hacia una praxeologia social: la estructura y la lógica de la sociologia de Bourdieu. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **Una invitación a la sociologia reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ⁱ A Celpe é a companhia de distribuição de energia elétrica do estado de Pernambuco. Foi inicialmente integrante do grupo Iberdrola, da Espanha, e depois do grupo Neoenergia cujo um dos acionistas é a PREVI, caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil.

ⁱⁱ Eduardo Campos foi reeleito governador de Pernambuco no 1º turno das eleições de 2010, com o maior percentual de votos do país.

ⁱⁱⁱ Grãos de Luz e Griô – Lençóis (BA), Fundação Pierre Verger – Salvador (BA), Terra Mirim – Simões Filho (BA), Ponto de Cultura ao Alcance de Todos – Floriano (PI), C.A.I.S do Parto – Centro de Atividades de Integração do Ser – Olinda (PE), Caminhos do São Francisco – Piaçabuçu (AL), Fundação Casa Grande – Nova Olinda (CE), Rede de Mulheres Rurais da América Latina e do Caribe – Serra Talhada (PE), Museu da Pessoa – São Paulo (SP), Fundação Cachoeira – São Paulo (SP).